

# **DANCEI, MEU AMOR**



Ana Vitória Vieira Monteiro

eBooksBrasil

[www.ebooksbrasil.org](http://www.ebooksbrasil.org)

Dancei, Meu Amor  
Ana Vitória Vieira Monteiro

Versão para eBook  
eBooksBrasil.com

Fonte Digital  
Documento da Autora

© 2000,2006 Ana Vitória Vieira Monteiro  
maraka@zaz.com.br

# **DANCEI, MEU AMOR**

**De**

**Ana Vitória Vieira Monteiro**

# DANCEI, MEU AMOR

Um Homem e uma mulher, um banquinho, fitas largas coloridas num canto do chão, no outro um cesto, pétalas de rosas vermelhas.

LUZ violeta no centro da ARENA ilumina um homem (*ele usando um manto preto*) e uma mulher (*usando um manto branco*). Ambos com as máscaras de Teatro tapando o rosto, imóveis como estátuas no parque, enquanto a platéia entra e se acomoda nos lugares.

MULHER (*com máscara*) — Senhor Mensageiro da comunicação  
Entre os homens és Deus.  
És o Dragão, sangue, sêmen,  
Poder purificador  
que regenera e liberta.  
És Hermes, senhor da inteligência, do comércio.

HOMEM (*com máscara*) — Chamo por teu nome,  
És o Mago, inventor de todas as Artes.  
Senhor da eloqüência,  
do Mistério, e da arte de decifrá-lo.

MULHER — Carregou-me no colo  
nas cartas do tarô  
HOMEM — na pintura, na poesia,  
e agora, neste momento.

*(Tiram as máscaras)*

Num instante como que acordados pelo movimento em volta se olham demoradamente, movidos por uma força que lhes é peculiar. Afastam-se rapidamente um do outro e dando voltas em círculos parecendo procurar entender o que acontece, ao som de estridentes gritos, carros, buzinas, barulhos em geral, que têm o poder de acordá-los definitivamente. Olham nos olhos de cada pessoa em sua volta, quase desafiadoramente, ousando acordar de um sono milenar (*cordas de um tchelo vindo do fim do mundo são ouvidas*).

MULHER — Estou muito feliz de poder me comunicar hoje, queria dizer muitas coisas que não fazem sentido pra minha atual realidade, fico em dúvida se será importante falar o que se passou, ou se isso é irrelevante. Ouço uns sussurros de apelo para que revele ou oriente alguma coisa, que não sei bem o que é ou quem realmente pede.

Mas sei que terei que falar, porque esperam que eu fale, mas não sei bem o que querem, vou dizendo o que meu coração sugere, e espero que acerte no que ele quer dizer.

HOMEM — Terão que ter muito cuidado, e cautela mas de uma forma lógica devem intervir na ação que se desencadeia de maneira direta, e deixar claro quem é quem e o que pretende com tudo. Cada um de nós faz o que dá e pode Para mim é isso. (*tira o manto e surge em uma roupa moderna*)  
(*tira o manto, aparece de saia justa e salto alto*)

MULHER — Cansei estou cansada, e surpresa com o que faço.

Agora, mas como comecei, não vou parar tão cedo.

Tinha dez moedas no bolso do casaco do lado direito, do armário...

HOMEM — Mas por que falar disso agora?

MULHER — Um exercício de autoconhecimento.

HOMEM — Vamos lavar roupa suja em público?

MULHER — Ou suja-las mais ainda....(*risos*)

HOMEM — Já vi que nesta história quem dança sou eu.

MULHER — Ou eu... pois se soubesse dançar, dançaria.

Se voz tivesse para cantar, cantaria.

Se as cores me fossem dadas, pintaria.

Se do barro fizesse formas, esculpiria.

Se soubesse escrever, escreveria

Mas como só sei falar, direi. (*Ameaçadora*)

HOMEM — (*interrompendo o que já sabe ser uma condenação*)

Eu é que preciso falar, para poder ter um pouco de paz

E' uma necessidade forte que surge e me obriga a vir aqui.

Falar de algo há muito contido dentro do meu peito.

(*risos dela*)

Não ria, por favor, deixe-me falar hoje, senão não vou conseguir nunca mais.

Perdoe... mas preciso e quero mesmo fazer isso.

MULHER — Finalmente se expor?

HOMEM — Não sei nem como estou conseguindo.

Está vendo que me enrolo, me desculpe.

Não falo do que eu quero e mais preciso falar, desta maldita, insuportável, timidez... que me atrapalha, me trava e me cala. Que impede de dizer coisas, as coisas que quero dizer a você e que não consigo quando tenho a

oportunidade(*ri*).

MULHER — Aí surge aquele riso nervoso, desvia os olhos, fala do tempo, conta estórias, todas as estórias, cita nomes, mas não fala.

HOMEM — O que sei que esperas ouvir e que nunca sai da minha boca. Juro que eu tento, mas me atrapalho, fico rubro, transpiro nas mãos, olho pro chão, querendo que o mundo se abra e me engula vivo só para não ter que falar nada.

Sinto e vejo que você se diverte em me ver nesta constrangedora situação.

Fica aí, parada, esperando, fazendo da sua espera a minha tortura de não saber como, de que maneira chegar.

MULHER — E eu aqui querendo ser tocada...

HOMEM — E eu aqui sem tocar.

Preciso falar desta detestável maneira minha de ser, que se reserva tanto que cala tanto a tal ponto absurdo que constrange me constrange, te constrange. Que às vezes fala com o olhar, um canto de olho, que se esconde para te ver de longe, que aviva a minha imaginação.

MULHER — Sonha em fazer o que não faz, fala o que não revela, debocha do que admira, desdenha do que quer, confunde, me confunde, te confunde... aí você diz que é assim mesmo, que gosta de solidão porque é sensível, discreto, que gosta de privacidade, que é um ser solitário, que é intocável, quando isto é uma mentira!

HOMEM — Eu quero mais é que um terremoto me abale e me tire deste Estado!

Preciso ser libertado de mim mesmo, quebrar couraças desta imensa reserva que me impede de dar, de doar o meu imenso amor. Suprir esta carência de ser carente de amor!

Se recebo amor não chega em mim, se quero dar amor não sai do peito, nem em forma de dor

MULHER — Aí você vem e chama a mim de indiferente, arrogante orgulhosa, egocêntrica.

HOMEM — Aí eu quero morrer! E nem isso eu posso fazer.

MULHER — Às vezes fico pensando se isso tudo não é para esconder uma grande covardia e incompetência da sua parte para com a sua própria vida.

HOMEM — Céus, o meu problema é que sou o meu maior problema!

(risos)

MULHER — E como resolver isso?

HOMEM — Não sei. Atrapalho-me todo e hoje, exatamente hoje, depois de tanto me esconder, me exponho assim, de qualquer jeito, diante de você, meio me sentindo ridículo, aliás , totalmente ridículo! Creio mesmo que devia me fantasiar de palhaço pela palhaçada que me obrigo a fazer!

MULHER — (rindo) Agora não tem jeito, já foi.

HOMEM — Fiz, tá feito. (Falando rápido, meio tímido e nervoso, mas se revelando) Talvez devido a algum trânsito no meu céu astrológico que amanhã vai me levar ao arrependimento. (Meio falando juntos, amando-se novamente) Timidez! desmedida, medida, tida, contida, explodida, ilógica...!!! Que não agüento mais conter que tem de sair de mim para você e gritar que quero, preciso te amar!!!

MULHER — Que te amo!!!

HOMEM — (dando um vexame) Não vivo sem você e é pra você, por você, que dou este vexame!!!...

Desculpe o mau jeito, deste jeito meu de declarar o meu amor. (beijam-se).



MULHER — Lembra-se da magnífica tarde em que te conheci, no Circo do Piolin?

HOMEM — Lá no Largo do Arouche?

MULHER — Como estávamos felizes!

O circo cheio de gente, prá todos os lados, tinha trapezista, domador de cavalo, gente bonita.

Lembra?

HOMEM — Comprei pipoca, te ofereci e você sentou lá na arquibancada!

MULHER — Luzes!!!

O palhaço chegou !!!

HOMEM — Hoje tem brincadeira?

Tem sim senhor!

O palhaço o que é?

É ladrão de mulher!

De cara pintada de branco,

que me conferia um quê nem quê de sagrado.

MULHER — (*rindo*) Debochei de todo mundo,

Você tinha até uma flor que saia água, lembro levei um banho daqueles, na cara, e eu ria e ria!

HOMEM — Eu caía no chão e levantava.

MULHER — Com a calça que estava sempre escorregando, aqueles imensos sapatos se apoiando numa bengala mole.

HOMEM — Palhaço! Como fui Palhaço!

(*música canto-falado*)

MULHER — Marcou firmeza, na dor de gostar de ser assim teimoso, orgulhoso e duro, marcou firmeza, no desespero de afirmar que é assim este teu jeito seu de ser.

HOMEM — Porque não me aceita como sou?

Você não gosta de mim!

Não me entende?

Há! Como o mundo é cruel

MULHER — Marcou firmeza

Fechou os ouvidos

Aos toques de D'eus

HOMEM — Desculpe-me mas todos têm defeitos e virtudes porque não aceita os meus?

MULHER — Marcou firmeza em ser como é, afinal é a sua personalidade.

HOMEM — Se deixar de ser assim, serei como?

Não serei mais eu

Porque ser como você quer?

Você não manda em mim!

Sou diferente, não está vendo, sou diferente

MULHER — Mas você não é diferente, é igual! A todos os ignorantes do mundo.

HOMEM — Como?

MULHER — Tão fechado em si.

HOMEM — Que não percebi. A igualdade no outro.

MULHER — Direi. Para o mundo inteiro

Ha! O mundo inteiro....

Que mundo?

Vejam, quantos são? Você, ele, e você...

Pronto... ! (*pára a música*)

Este é o meu mundo todo.

As pessoas importantes do meu mundo todo!

Não passam dos dedos de uma mão!

Este é o meu mundo todo!

Que tudo o que faço, é pensando neste mundo todo.

Ha, há, há.

Que pequeno, que grande.

HOMEM — Não que eu seja uma alma solitária, Dizendo que não há mais pessoas que me importam no mundo mais que você. Há, e muitas!

Mas você, querida, é e são as pessoas que representam o meu mundo todo!

MULHER — Quando digo, ou faço algo Penso logo, o que será que ele irá dizer?

O que será que vai falar?

Acho que não gostaria disso ou daquilo

O meu mundo todo.....

Conheci a felicidade plena

Ao contemplar teu rosto, que recebi como um presente divino.

Que palavra mágica deveria dizer, prá você entender que te amo?!

Tão difícil de ser conquistado, de agradar; diga, fale: que estrela te agrada?

Talvez algo mais simples...

Um aconchego?

Fale o que deseja, fale !

A minha tortura é saber que nada do que faço ou digo, te satisfaz realmente, não acho a medida certa, (*para si*) prá reter teu sorriso só para mim...

HOMEM — Qual é?

MULHER — Tudo que desejo é só e simplesmente te agradar!

Sinto que não consigo.

HOMEM — Perdão.

(*silêncio de ambos*)

Em quantos tons devo pedir perdão?

MULHER — Qual é a medida certa?

HOMEM — PERDÃO, PERDÃO, PERDÃO

Perdão, por ter te dado Uma vida,

Esta vida que tens vivido

MULHER — Tão sofrida e dura, que me mata.

HOMEM — PERDÃO, PERDÃO, PERDÃO

Meu amor

Por tudo que te aconteceu

MULHER — E eu não pude impedir

HOMEM — PERDÃO, PERDÃO, PERDÃO

Eu até tentei,

Mas não deu,

Perdão.

Que posso fazer senão te pedir PERDÃO

Pelo que fiz.

Pelo que não fiz?

MULHER — Pelo que deveria ter feito...

HOMEM — PERDÃO, PERDÃO, PERDÃO

Não me perdôo até que me perdoes

MULHER — Tão lindo, tão meu

HOMEM — PERDÃO.

MULHER — Pensei que eras um DEUS

HOMEM — Mas não sou!

MULHER — Me enganei. Meu homem como um Urano profano rejeitou com indiferença os filhos meus e seus.

HOMEM — Você me idealizou !?

MULHER — Meu Rei, pensei que eras um Rei.

HOMEM — Perdão. Por não ser Rei.

MULHER — Queria te esquecer.

Não lembrar mais dos teus olhos, que me deram vida.

Quando eu quiz morrer vivi por ti e pela vida que trazia em mim, fecundada por ti.

E agora?

HOMEM — E agora?

MULHER — Diga, que farei?

Chorarei, até não puder mais abrir os olhos?

Foi sempre assim, não é?

Só que agora você está muito longe.

Longe demais, não posso mais te alcançar, enlaçou seus braços em outros abraços, como sempre.

HOMEM — Como sempre... (*triste*)

MULHER — Como sempre.

HOMEM — Não te esqueci, todos os beijos que dei foram na tua boca, sempre, acredite.

MULHER — Paciência.

(*para si*) Tenho que encontrar palavras...

(*com ironia*)

Há! Ontem ouvindo o canto dos pássaros

Vendo o bater das azas, paradas no ar, do beija flor, descobri algo importante realmente.

Que todos vocês não são,

como imaginei, todo o meu mundo.

HOMEM — Não querida era só eu e os nossos....

MULHER — Quem sabe agora possamos até...

Ficar anos sem nos ver, e tudo bem!

HOMEM — Talvez eu possa ser curado pela tortura da solidão.

MULHER — Telefonarei no seu aniversário.

HOMEM — Jura?

(*imitando o telefonema*)

“Que bom, você desapareceu...”

MULHER — (*decidindo*) Agora estou com pressa.

HOMEM — Fica comigo! Tenho tantas coisas para te dizer... espera!

MULHER — Há é isso!

Meu Deus onde eu estava com a cabeça?

Que não percebi.  
Provavelmente enfiada em alguma latrina.

Agora que encontro palavras para dizer,  
tenho que me tornar poeta para falar.  
Quero esclarecer, pensando bem:  
você foi um grande filho da puta!  
Que projetou em mim tua loucura.  
E eu acreditei, “que não sabia amar,  
que jamais saberia o que é isso.”

HOMEM — Temos de viver, este é o problema que  
carregamos nesta vida.

MULHER — (*com ironia*) Há, há ! E vamos seguindo este  
caminho, sem salvação, condenados a morrer.

(*põe a máscara*)

Por capricho da Vida, de humana que sou, terrestre,  
telúrica.

HOMEM — (*para ela*) Vivendo aqui esta vida que tanto  
gosto, neste planeta.

MULHER — Azul, azul..

Cheio de verde, cheiro de mata

HOMEM — Com um sol dourado que de tão dourado  
ficou azul, azul...

MULHER — Invocando meus deuses tribais, falando com  
as águas das cachoeiras.

Com o fogo das fogueiras, que faço. Em noite de lua  
cheia, ou nova...

(*música*)

Sou a magia, sente tem magia no ar

HOMEM — No fogo que queima, no incenso que  
perfuma, na chuva que cai

MULHER — Ninguém me pega, nem me vê

MULHER — Só ouve o canto

Sente o perfume

HOMEM — De se deixar tocar, não tenha medo, me deixa chegar

MULHER — Tem magia no ar (*tira a máscara*) Cheguei, estou aqui, sou aquela que esbarrou no milagre, que fez e recebeu maldições

Que foi a Bahia, falou com todos os Santos, que andou atrás do trio elétrico, que subiu as escadarias da casa de Oxun Maré

Jogou búzio com Peceu

Pegou as estrelas com as mãos na Pedra Preta e viu o Sol nascer

Que rezou a Santa Maria no terço, com a Santa Maria na cabeça

Que entrou em vários universos, que tomou São Pedro e num vôo selvagem recebeu as chaves do reino do Céu e da Terra

Vi as cores do arco Íris, toquei a Pedra e ganhei as conchas do mar

Falei com Deus e com o Diabo

HOMEM — Pronta para falar das coisas que vi lá? Contar que viu o Sol nascer a meia-noite ?

MULHER — Que falei com as flores, dancei com o ar, e aprendi a nadar. Nas ondas nervosas das labaredas.

HOMEM — E eu amei o amor, pelo amor. Eu te amei amor, por amor.

MULHER — Estou aqui!!!

Pronta para entrar num Vulcão

E no Vale da Lua ver o Sol nascer.

(*começam a dançar apaixonadamente um bolero mexicano, em um barzinho no passado de suas lembranças — música*)

HOMEM — Acaricieei a montanha  
Como suave brisa da manhã  
Como orvalho umedeci teus montes  
Como rio fecundei tuas terras

Penetrei em teus mistérios  
Explodi em suas entranhas  
Como fogo de um vulcão  
Sacudi teu corpo te fiz viver

Cobri teus montes de neve  
Perpetuei este momento  
Imperceptível e suave

No segredo de um silêncio  
Fiz-me brisa, fiz-me orvalho  
Para te tocar me fiz fogo  
MULHER — Agora, como águia  
Faço do meu canto um grito  
Para que despertes  
E te lembres  
Do orvalho da brisa e do fogo  
(elpára a música, mas a dança continua, com acordes inesperados)

MULHER — (*para si mesma*) Não sei o que aconteceu  
Com este insensato coração  
Bateu forte outra vez

HOMEM — Não sei mesmo o que acontece  
Mas este coração  
Insiste em continuar  
Batendo mais forte

MULHER — Arma sorrisos idiotas  
Ilumina o meu olhar



Faz o meu corpo esquentar  
E pedir por vida  
HOMEM — *(para si mesmo e olhando para ela)* Vida que  
busca a vida  
No teu corpo  
Anseia por te tocar  
MULHER — *(afasta-se)* Ah! Não sei o que acontece  
Com este pobre coração  
Que não aprende nunca  
A lição  
Coração insensato  
Maltratado  
Abalado  
Mas não sei o que acontece  
Minha mente não quer  
Amar novamente  
Mas o cérebro, logo ele  
Trava, e trava legal.  
HOMEM — Provocando em mim  
Um conflito maior  
Que a luta  
Do bem e do Mal  
MULHER — Jura que um dia  
Vou ouvir este bolero sem chorar!  
*(para a música , e fala para si mesma)*

Vou ouvir sem sofrer  
Sem lembrar

Dançar em outros braços  
Sentir outras pernas  
Quero e quero  
Viver e esquecer

Ouvir de outro  
Até as mesmas palavras  
De amor  
Que você um dia disse  
Sem me lembrar  
de você

Jura que um dia  
Vou ouvir e dançar  
Não vou lembrar  
Nem de seu nome

Quero por que quero  
Esquecer-te  
(*pegando a máscara*)  
Já que não posso voltar  
ao ventre de minha mãe,  
e  
começar tudo de novo.

Aprender a falar.  
Ouvir outra língua,  
outros costumes,  
ser estrangeira,  
em algum lugar

Aventurar-me para bem longe,  
onde ninguém me conheça,  
nem jamais tenham ouvido  
falar de mim.

HOMEM — Ficar com saudades

daqueles que amo.  
Poder voltar, sem mágoas,  
sem dor, nem medo.

*(pega a máscara e o manto)*

Dou  
tchau e “bença”  
ao passado,  
e,  
sem voz para gritar,  
murmuro — Enfim

Adeus! *(sai)*

MULHER — *(colocando a máscara e o manto)*

Quero ficar para sempre  
nesta ilha  
bem longe dos Deuses  
arianos, das suas guerras  
do Bem e do Mal  
De seus domínios  
de Poder

Que criaram indiscriminadamente  
uma raça de meio humanos e meio deuses  
que faz a Terra sofrer  
e o Céu penar

por tamanha aberração  
Não vou entrar em seus domínios  
Vou viver com as feras  
fadas, duendes e sereias  
junto da beleza da natureza  
selvagem.

HOMEM — *(voltando de máscara)*

Eterna e sábia e distante  
Deusa de Tríplexes dons  
Podes ir aos infernos

sem mácula.

Aquecer a terra, com amor  
Brilhar nos céus, refletir o Sol  
Para os humanos verem  
e estarem junto a ti  
daquela donde nasceram.

Por gratidão

Meu povo deu ao nosso protetor  
O bastão com um tridente na ponta  
MULHER (*com máscara — DIANA*)

Trago o direito  
das mães darem a luz  
em paz.

pois no ventre de minha mãe  
aprendi a lutar com serpentes.

HOMEM — Presides o conselho dos reis  
Divina Senhora!

Concebe Vitória a quem merece  
MULHER — Não tomo parte nas guerras  
arquitetada pelas mulheres  
por seus desejos de Poder  
de seduzir o alheio

Tenho cinqüenta filhas e um filho  
daquela amante de rara beleza,  
que me traiu com Juno

HOMEM -Embriagados pelo teu vinho.

(*silêncio*)

MULHER — Basta olhar a Lua  
Para falar comigo.

Que te darei o leite e mel  
para beber.

HOMEM — Dá-me depois o esquecimento  
desta aventura senhora,

ou a lembrança para sempre  
que tenho um segredo a suportar

*(Ambos tiram as máscaras, cumprimentam o público)*

MULHER — Renunciamos o paraíso, temos que viver eternamente neste inferno do eterno retorno e carregados de culpa por não termos sabido ser fiel ao pedido do Deus para não comermos do fruto da árvore sagrada. Desde então a falta de cumprimento à palavra empenhada é um estigma insuportável. Neste embalo a humanidade vai vivendo o drama de viver e morrer, sempre a busca do amor total e irrestrito, somos humanos e como humanos representamos os dramas humanos, para agradar o deus (*indica a platéia*) para que um dia no perdoe do pecado original.

Eu que digo tantas palavras das palavras dos deuses, agora não tenho palavras para dizer o quanto estou feliz por vocês terem vindo nos ouvir falar belas palavras.

HOMEM — A profissão do artista vive por causa única e exclusiva de vocês, da presença de vocês, muito obrigado, por estarem aqui conosco.

Os dois sorriem e jogam beijos quentes para a platéia, apertam as mãos de quem estiver mais próximo.

Colocam as máscaras e se retiram do palco em compasso.



## DA AUTORA

Pertenço à 4<sup>a</sup> geração de estudiosos do espiritualismo, como dizia minha amada e saudosa avó materna Miretta Lacerda, os dons para-normais estão na nossa genética e o gosto, pelo estudo de pesquisa, aprendi na convivência diária com ela, que me alfabetizou aos cinco anos de idade, quando todas as crianças começavam a ler aos sete anos. Ela orientou as minhas primeiras e segundas leituras. Depois “assaltei” a biblioteca de minha mãe Philomena (*assim com PH, como gosta de lembrar*), que os mantinha trancados, pois sabendo do meu gosto por livros achava que eu tinha pouca idade para os devorar, no entanto deixava à vista as fábulas de Esopo e as mitologias gregas, que releio até hoje. Meu pai, no entanto, lia e relia para mim os livros de iniciação esotérica e de alquimia, comentando longamente a cada parágrafo.

Primeira filha de meus pais, nasci em 2/2/45. Devido à vitória dos aliados na guerra recebi o nome de VITÓRIA, na cidade de São Carlos. Aos 5 anos meus pais se separaram e com minha a família (*mãe e dois irmãos*) viemos para São Paulo onde permaneci, estudei piano, fiz os estudos primários e secundários no bairro da Penha.

Aos 16 anos FUI trabalhar no jornal da Penha onde tinha uma coluna para jovens, minha mãe casou-se novamente e ganhei mais um irmão, meu pai também casou. Participei dos movimentos dos jovens daquela época, freqüentei passeatas, ouvi Elvis e Villa Lobos no Teatro Municipal de São Paulo e uma vez por ano de férias íamos ao Rio de Janeiro.

FUI para a Radio Marconi, casei com o radialista e jornalista Gil Gomes, indo morar no Jardim da Saúde. Tivemos três filhos; estudei astrologia, pintura e tapeçaria espanhola durante 14 anos, depois nos separamos. Estudei então acupuntura, shiatsu, doin e parapsicologia, abrindo a Clínica Vitalista Paracelso como terapeuta acupunturista.

Recomecei a escrever editando jornais alternativos, participei de movimentos de Ecologia, de preservação animal e vegetal, dei palestras por todo o Brasil.

Tornei a me relacionar amorosamente, encontrei Marcos, um quiromancista inigualável que depois de dois anos, se matou por saber ser portador de uma doença incurável.

Fechei o consultório depois de 12 anos e FUI em busca de realizar meu sonho:

Ser ESCRITORA.

Mudei de casa, mudei de vida, mudei de calendário — rejo-me hoje pelo calendário Maia. Formei um grupo de estudos xamânicos somente com artistas. Compus poesias e músicas.

Gil Gomes e eu nos toleramos quase nos perdoamos e ficamos amigos, depois da morte do Guilherme, as vezes conseguimos rir juntos.

Mas o primogênito Guilherme Gil Gomes, depois de perder sua filha por incompetência médica na hora do

nascimento, algum tempo depois, veio a falecer prematuramente de hepatite C, depois de anos de luta contra este grande mal que o atormentou nos últimos anos de vida.

Daniel entrou para a faculdade de direito e se casou, deu-me três netas, se tornou pastor da Igreja Cristã, e se mudou para Guarulhos e foi trabalhar com o pai na radio.

Vilma se formou advogada, abriu escritório e casou e mora perto de mim.

Entrei para o mundo VIRTUAL, criei dois sítios e passei a responder incontáveis e-mails por dia — descobri um novo mundo de muitas janelas e portais.

Embalada por impulsos interiores tive a loucura de não desistir até que meu sonho virasse realidade! Escrevi para TEATRO as peças — O DISCO SOLAR — CHICO MENDES e o ENCANTADO — BRASIL OUTROS 500 — A VIZINHA de NOÉ — MÃE da MINHA MÃE — PRATOS LIMPOS — FOGO ETERNO — CASACO DE ANTÍLOPE — o monólogo da FÊNIX — DANCEI MEU AMOR.

Minha história e as histórias que escrevo ainda não acabaram, pois a vida que vivo continua no mundo material, no mundo teatral e no mundo virtual.

Retomei algumas atividades, como a astrologia, a pintura e a tapeçaria como forma de lazer. E escrevo, escrevo e escrevo... penso em fotografar São Paulo, o que é um velho plano meu, mostrar a cidade a seus habitantes através de meus olhos.

Escreva para: [anavitoria@maraka.zzn.com](mailto:anavitoria@maraka.zzn.com).



© 2000,2006 – Ana Vitória Vieira Monteiro  
maraka@zaz.com.br

Versão para eBook  
eBooksBrasil.com

---

Julho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Se você pagou por esse livro

**VOCÊ FOI ROUBADO!**

Você tem este e muitos outros títulos

**GRÁTIS**

direto na fonte:

[eBooksBrasil.org](http://eBooksBrasil.org)

Edições em pdf e eBookLibris  
[eBooksBrasil.org](http://eBooksBrasil.org)

---

Abril 2006